

Caiçaras, Migrantes e Turistas: a trajetória da
apropriação da natureza no litoral norte paulista*

Maria Tereza D. P. Luchiani

Geógrafa

A questão ambiental vem amadurecendo rapidamente dentro das ciências sociais. Cada disciplina, a seu modo, vai se aproximando dessa problemática, tendo como suporte a sua própria tradição de pesquisa. A construção da temática sociedade-natureza, dentro das ciências sociais, tem como *fio condutor* a questão dos processos sociais e sua relação com os fenômenos naturais, ou seja, toma como pressuposto a incorporação do homem nos ecossistemas naturais que, a partir de múltiplas relações, geram configurações regionais peculiares.

É dentro desse enfoque que foi elaborada a investigação das diversas formas de apropriação da natureza no litoral norte paulista, mais especificamente no distrito de Maresias, município de São Sebastião. Os principais personagens enfocados foram o caiçara, o imigrante, o turista e o meio ambiente físico (enquanto recurso percebido, utilizado e transformado pelo homem). Também foram apontados alguns dos principais elementos responsáveis pela transformação da cultura caiçara e da paisagem primitiva enquanto uma *transformação da racionalidade no modo de tratar a natureza*.

A primeira idéia desta pesquisa surgiu a partir das transformações recentes do litoral norte paulista que passaram a encobrir as peculiaridades da região - tanto em termos da caracterização física da área como em termos culturais.

Logo no início, a partir desta constatação e da própria formação acadêmica da autora, a idéia era não separar homem e natureza, colocando ambos como sujeitos de um mesmo processo. A idéia evoluiu no sentido de não apenas descrever esta relação, mas também lançando mão da *fala* dos principais sujeitos que ali atuam (caiçaras, imigrantes e turistas) e das principais variáveis físicas da região, sugerir formas melhor orientadas no sentido de preservar a cultura local e a própria paisagem litorânea.

Houve, nesta investigação, um acento deliberado na imagem do caiçara,

na sua cultura e nas formas tradicionais da relação homem/natureza. Esta opção não se deu devido a uma idealização do modo de vida caiçara, mas justamente para tentar frisar racionalidades opostas no modo de tratar a natureza e, a partir daí, estabelecer uma relação entre as *perdas e ganhos* dessa trajetória.

Inicialmente, buscou-se a recuperação da história regional dentro de um contexto mais amplo: o dos ciclos econômicos. Essa abordagem reforçou a constatação de que a natureza no litoral norte paulista não se manteve intacta durante séculos; ao contrário, ela serviu de *palco* de inúmeras investidas do homem/colonizador, responsável pelo uso de seus recursos numa escala inédita às populações nativas. Em seguida, tendo em vista as atividades produtivas mais marcantes para a reprodução das comunidades nativas e que melhor representassem suas formas de relacionar-se com o meio ambiente físico, tentou-se distinguir a cultura caiçara dentro de seu *habitat* original.

Apoiando-se na história local e em relatos colhidos no trabalho de campo, a investigação descreve o modo de vida caiçara no período em que estas comunidades viveram relativamente isoladas - período que vai do final do século passado até a década de 50. É a chamada *epopéia caiçara* ou *período heróico* de sua sobrevivência. Esse período foi sustentado pelas *canoas de voga*, pelas *lavouras*, pela *pesca artesanal* e pelo *espaço social caiçara*, onde o *tempo natural* e o *espaço natural* possuíam um forte poder na orientação das atividades econômicas e sociais.

O texto, intitulado *De Lavradores-Pescadores a Pescadores Artesanais*, salienta como a transformação dessa população em pescadores profissionais exclusivos, desarticulou a antiga autonomia dessas populações que passaram de uma econo-

* Dissertação defendida em março de 1992 no Departamento de Sociologia - FCH/Unicamp.

mia diversificada, integrada à natureza numa relação dinâmica e recíproca e com certo grau de auto-suficiência, para uma economia dependente de bens industrializados, insuficiente para suprir necessidades e especializada economicamente.

Os agentes externos (principalmente urbanização e turismo) foram enfocados sob o ponto de vista negativo (enquanto desorganizadores dos padrões tradicionais de ajustamento sócio-econômico e ecológico) e sob o ponto de vista positivo (promovendo a reorganização do sistema antigo de modo a permitir um novo ajuste com a sociedade urbana e a estreitar a articulação com a sociedade urbana global).

Se de um lado, a urbanização e seus processos específicos levou a modernização aos diversos setores econômicos da região, por outro, intensificou a pobreza, a degradação ambiental e afigurou-se como um processo de marginalização sócio-econômica e espacial das populações caiçaras e migrantes de baixa renda.

Também o setor turístico incorporou esta região, desconsiderando o que ela tem de peculiar enquanto produção cultural e desrespeitando a fragilidade desses ambientes litorâneos.

Contudo, os três segmentos sociais aqui analisados (caiçaras, migrantes e turistas) se unem em torno da questão ambiental. É esse debate que incorpora as reivindicações diferenciadas. O turista tem como finalidade o consumo do recurso natural para o lazer. O imigrante-residente, característico desta região, tem como finalidade uma melhor qualidade de vida baseada na abundância do recurso natural e seu modo de vida correspondente. O caiçara necessita desses recursos para garantir seu modo de vida. Apesar das três perspectivas terem finalidades diversas (1 - recurso ambiental enquanto *consumo*; 2 - recurso ambiental enquanto *qualidade de vida*; 3 - recurso ambiental enquanto *sobrevivência*), a preservação do meio ambiente sob as três óticas é fundamental.

Neste caso, a justificativa primeira do desenvolvimento da indústria do turismo - o recurso ambiental, é também necessidade básica para a sobrevivência dos grupos caiçaras. E aqui, abre-se uma nova perspectiva entre o confronto de uma sociedade tradicional e uma sociedade moderna. A especulação com a

terra, através do setor turístico, não pode simplesmente implantar uma nova ordem, destruindo completamente o antigo (como no caso da industrialização de sociedades rurais). Alguns pontos devem ser preservados para dar continuidade à lógica que lhe dá sustentação.

O turismo representa a única *indústria* com capacidade para dinamizar a economia do litoral norte; resta que a sua implantação respeite regras, normas de planejamento baseadas na preservação do meio ambiente e no incentivo à sobrevivência das populações nativas. Um planejamento a longo prazo - sem a lógica imediatista de lucros do setor imobiliário - traria chances de sobrevivência não só ao meio ambiente e às populações caiçaras, mas ao próprio setor turístico.

Esta investigação apoiou-se fortemente no trabalho de campo, enquanto um rico recurso para o conhecimento da realidade. A partir desta leitura final e mais qualitativa da realidade (baseada em indagações verbais, questionários, entrevistas, depoimentos e conversas informais com os três segmentos sociais) foi possível constatar que a paisagem construída, substituindo a paisagem primitiva, não significa apenas a substituição de uma paisagem pela outra a partir de formas e proporções mensuráveis quantitativamente. Esta substituição se relaciona antes a formas diferenciadas de apropriar-se do ambiente, a códigos de existência variados, a mecanismos de sobrevivência diferentes - às vezes, divergentes - enfim, à substituição de uma postura do homem diante da natureza, onde a principal diferença é a pretensa postura atual que carrega em si a crença da dominação e da superioridade do homem sobre a natureza e dos homens sobre os homens (leia-se sociedades complexas sobre sociedades tradicionais).

A nova racionalidade do mercado impõe uma homogeneização desses bairros litorâneos, transformando a natureza a partir de uma visão estética idealizada nos centros urbanos e tendo em vista o lazer das classes paulistanas privilegiadas economicamente.

Resta ao Estado ser o catalisador desses processos, de modo a pensar na sobrevivência dos ambientes litorâneos, de suas comunidades tradicionais e no planejamento adequado para a expansão do setor turístico.